

ENTREVISTA com Eliana Chaves

Por Simone Alauk



Repórter – Como surgiu o livro?

Eliana – Esse livro é fruto de um desabafo, o desabafo de uma mãe que estava perdida, tentando desesperadamente entender o que estava acontecendo ao seu redor. É que tudo aconteceu muito rápido porque nós, infelizmente, não somos preparados para termos filhos especiais, filhos com problemas de saúde. Casamos e sonhamos com a maternidade, queremos filhos, mas sempre os imaginamos e os queremos perfeitos. Não passa pela nossa cabeça que poderão nascer com algum tipo de problema. Então quando tomei conhecimento da doença do meu filho, perdi o chão, eu era muito inexperiente, muito

jovem ainda. Porque eu acreditava que nosso futuro seria lindo, que teríamos e viveríamos coisas incríveis juntos, coisas maravilhosas, glamorosas, deslumbrantes.

A notícia devastadora chega primeiramente ao coração e somente bem depois é que vem o entendimento. Porque demoramos um pouco para compreendermos o que está acontecendo. Por um bom tempo eu fiquei sem ar, no ar, não entendia a profundidade de tudo aquilo e nem de que forma mudaria a minha vida. Eu procurava o chão firme, na verdade...

Foi um despertar para uma nova vida, para pensar tudo a partir daquele momento, tudo havia mudado para mim. Essa consciência é meio devastadora, ela mexe profundamente com a gente...

Eu não tinha um plano de ação, nenhuma estrada para seguir. Era como se tudo aquilo fosse um quebra-cabeças de dor para armar. Decidi que não choraria na frente do meu filho, então comecei a escrever, sem saber que aquelas anotações se transformariam em livro. Sempre que me sentia triste escrevia.

Escrever é um ato solitário e minhas anotações eram uma forma de desabafo, um grito de desespero, um pedido de socorro na noite escura. Fui escrevendo sem saber o que aquilo ia dar...

Escrevi durante meses, nos pequenos intervalos que tinha e, principalmente a noite, quando perdia o sono. Do primeiro ao último dia, foram apenas seis meses até a publicação. Não mostrava aquela agenda



manuscrita para ninguém e a coisa só aconteceu mesmo quando eu conheci o pintor e escritor **João Carlos Pecci (irmão do cantor e compositor Toquinho – Foto ao lado)**, durante uma palestra no colégio dos meus filhos. Eu o conheci assim e foi tudo por Deus, uma sorte

tremenda, porque na hora de autografar para mim o livro dele, ele perguntou o que eu fazia.

Com vergonha de falar que era apenas uma dona de casa, lhe respondi sem pensar: ah, eu escrevo... João Carlos sorriu e se interessou pelo conteúdo do meu suposto livro, talvez porque tenha percebido em meus olhos algumas lágrimas de emoção durante a palestra dele. Entrei em pânico, porque lhe disse se tratar de uma autobiografia. Trocamos telefones e a partir daí ele me ligava sempre e perguntava sobre o meu livro. Desesperada pensava: “que livro, meu Deus? E agora?”

Não sabia como contar a ele que não era propriamente um livro, que eram somente algumas poucas e simples anotações. Mas ele me incentivou e insistiu tanto, que criei coragem e escrevi mais algumas coisas para a apreciação dele, confessando que tinha mentido... E ele sorriu serenamente, atitude própria dos grandes homens, e respondeu

que estava tudo bem e que eu não me preocupasse com isso porque ia ler mesmo assim. Após a leitura, me disse: mas é um livro mesmo! Aquilo me encheu de felicidade...

Repórter – Conta-me sobre a sua família e o quanto isto te ajudou a superar as maiores dificuldades?

Eliana – Ah, este é um fato bem importante! Para o meu espanto fui entender que as famílias eram muito diferentes da minha somente depois do meu livro... Não via minha família como diferente ou especial. Para mim, era natural a forma como vivíamos e nos relacionávamos. Pensava

que era um processo familiar comum a todos. Eu venho de uma família muito religiosa, que invariavelmente juntava pai, mãe e os nove filhos para rezarem o terço a noitinha. E era sempre depois do terço que tínhamos um diálogo maravilhoso. Era o momento de expormos nossas ideias, nossos sentimentos, o que gostávamos ou não, o que nos chateou durante o dia e o que não deu certo. Era a hora da família



reunida se entender, se entrosar, se ajudar e se perdoar. Era uma conversa franca, mediada por nossos pais. Então tínhamos esse hábito de conversarmos muito. Só depois podíamos assistir a novelas, filmes, conversar com amigos, namorar ou brincar na rua. Crescemos fazendo essa sessão que era quase uma terapia, e isso fortaleceu muito a união e o

amor entre nós. Foi nesse ambiente que cresci. Meu pai era fazendeiro, cuidava de fazenda e de gado e não tinha muito estudo. Era um homem extremamente sábio, muito amoroso, do tipo que dá colo e chora junto com o filho. Tínhamos uma relação muito bonita de amizade, muito forte em orientações e amor.

Já a minha mãe era uma mulher muito culta, era muito talentosa, tocava vários instrumentos musicais e sempre trabalhou fora. Era também uma mulher serena, dócil, de muita fé, nada conseguia abalá-la. Mamãe tinha o poder mágico de nos acalmar com o olhar ou com duas ou três palavras. Uma mulher à frente de seu tempo... Realmente uma grande mulher!

Minha família foi sempre um sustentáculo, à base de tudo. Quando se perde o chão, você tem que ter uma viga mestra para se sustentar. E eu tinha.

Repórter – Como você define a sua infância?

Eliana – Minha infância foi dentro de um ambiente cristão muito forte. Minha mãe inventou uma historinha de que tínhamos que fazer “florezinhas para Jesus” nos meses que antecediam o Natal. Havia uma verdadeira competição entre nós. Fazia-se mais “florezinhas para Jesus” aquele que tivesse sido durante o dia o mais prestativo, o mais obediente, aquele que se preocupou com o irmão, que dividiu sem reclamar o pedaço de bolo, o mais educado, aquele que na hora do terço rezava com mais fervor... E quando chegava o dia de Natal às florezinhas eram contadas e simbolicamente entregues para Jesus, no presépio. Eu sempre queria fazer todas as florezinhas para Ele, mas nunca fui uma campeã nesse quesito...

Sempre fui muito curiosa e gosto de observar as pessoas e de tentar adivinhar as reações de cada uma delas. Fui uma criança muito arteira, uma menina alegre, de bem com a vida e extremamente feliz. Queria ter dez vidas para poder viajar e ler tudo o que tenho vontade, mas o tempo sempre é curto demais para conseguir realizar tantos sonhos lindos, mas muitos já se realizaram...



Eu tenho 4 irmãos mais velhos e 4 irmãos mais novos que eu (foto). Estou bem aí no meio, entre dois homens e talvez por isso, às vezes, me sentia um pouco excluída das brincadeiras dos dois e acabava me isolando. Eu tinha esse tempo para pensar e sonhava muito também. Nossa... A vida inteira foi assim, e eu ia atrás dos meus sonhos. Sonhava alto, mas não contava para ninguém, pensava que eu seria motivo de risadas. Graças a Deus, minha infância foi maravilhosa, não tenho lembranças ruins dessa fase da minha vida.

A FILOSOFIA NA TRANSIÇÃO DA MENINA PARA A MULHER



Legenda: Eliana Chaves, sua filha Nathalia e seu filho Bruno, em fevereiro de 1992

"Não é fácil virar gente grande. Confesso que sou muito mais feliz quando vivo a pureza da menina que ainda existe em mim. A maturidade às vezes me espanta. Estou sempre lutando para me tornar adulta, mas ainda ouço a vozinha da menina que fui, ou então, da menina que às vezes ainda sou. Estou crescendo aos poucos, estou em constante mutação." - Trecho do livro "Simplesmente, Viver!"

Repórter – Eliana, fale um pouco sobre essa difícil ruptura entre ser menina e ser mulher...

Eliana – Quando você se casa muito jovem e para de trabalhar e de estudar para ir morar em uma cidade grande como São Paulo, tendo que assumir de imediato uma casa, um marido, a distância da família e dos

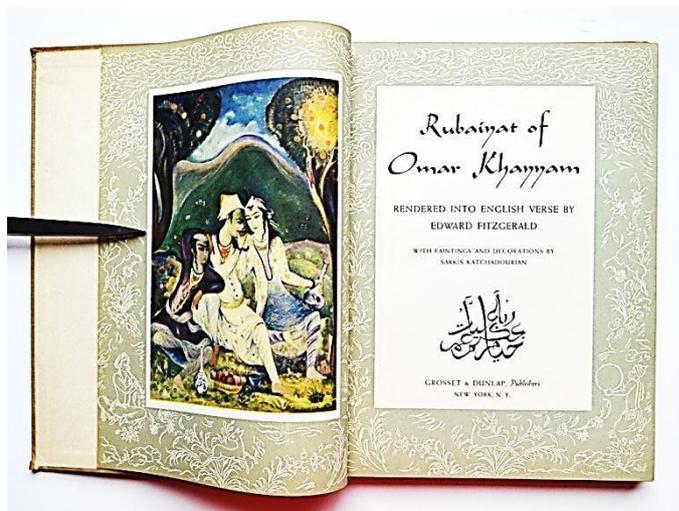
amigos, as coisas vão mudando dentro de você. E eu engravidei seis meses depois de casada. Foi preciso me tornar adulta rapidamente, foi preciso crescer.

Quando eu tinha 15 anos, um amigo de minhas irmãs nos presenteou com um livro, dizendo que era o seu livro de cabeceira. Era um professor da Escola de Medicina de Itajubá, Dr. Antonio Campos Neto. Em se tratando de um homem tão inteligente e conceituado, a minha curiosidade pelo livro aumentou e já comecei a folheá-lo de imediato e logo o devorei. Não entendi muita coisa no início, mas o reli outras tantas vezes que aos poucos fui entendendo e me apaixonando...

Repórter – Qual livro é?

Eliana – Chama-se *Rubaiyat*, é de um filósofo persa chamado *Omar Kahyyam*.

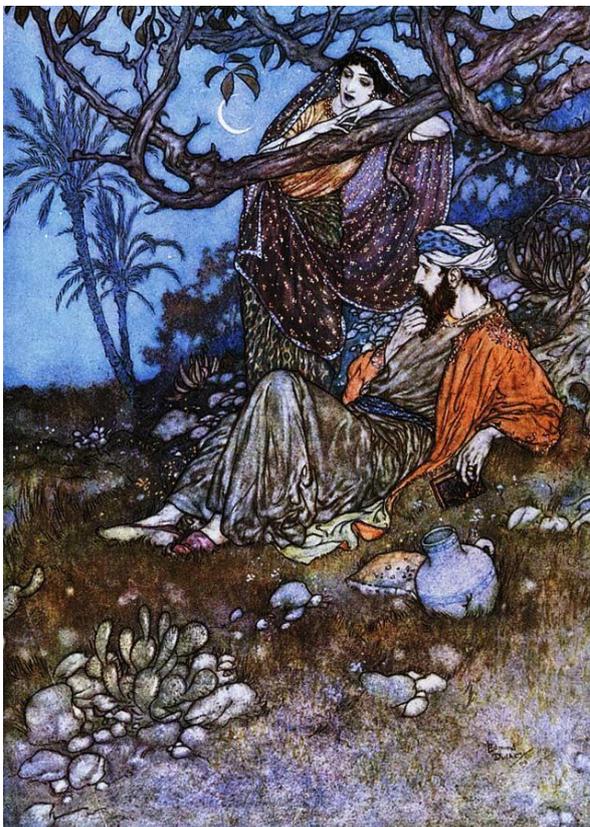
Um livro de poesias filosóficas. Esse foi o meu primeiro contato com a filosofia, esse livro mexeu muito comigo, porque não tem nada de religioso, então, um



mundo novo que se abriu, era tudo o que eu desconhecia, era absolutamente agnóstico. Falava sobre viver a vida, viver apenas o momento presente, tomar vinho, namorar e amar muito. Que a vida é somente hoje e agora, que o amanhã não existe, sendo apenas possibilidade e expectativa, nada mais. E, por incrível que pareça, eu sei esse livro quase que de cor, de tantas vezes que o li.

Repórter – Você pode recitar algum trecho para mim?

Eliana – Claro...



“Só existe e só vale o momento presente.

O passado não volta mais. O futuro é incerto e virá provavelmente cheio de tristezas e decepções. Cumpre, pois, aproveitar intensamente o momento atual que passa rápido como o esplendor transitório de uma rosa. É mister colhê-la e aspirá-la antes que murche. O passado não tem interesse, ele deve ser sepultado. Nada esperemos também do futuro, pois no encalço de cada alegria fugitiva vem uma

tristeza profunda e uma cruel decepção. A vida não tem sentido, o universo não tem planos, para não perdermos a coragem de viver é necessário embriagarmo-nos do momento presente, único e bem verdadeiro, porque ele será provavelmente a ilusão de uma grande eternidade...” **trecho do livro Rubaiyat.**

Então esse livro foi à válvula propulsora para eu viver como vivi os outros anos da minha vida, sem me preocupar com o passado e nem com o futuro. Quando abracei a causa do meu filho, foi exatamente isso, olhar para frente me assustava porque os médicos haviam me alertado sobre o que viria. Tinha sido tão feliz no passado que não poderia também mais

ficar olhando para trás. Então, olhei para o momento presente e optei por vivê-lo intensamente, com os pés no chão. Nesse aspecto é que afirmo que esse livro me ajudou muito. Caiu em minhas mãos por acaso e se tornou o meu lema de vida...

Repórter – Tenho a impressão de que em sua vida as coisas aconteceram de uma forma mágica...

Eliana – Sim, sempre de uma forma muito mágica! Não sei explicar como isso se dá. Mas tudo em minha vida acontece assim, magicamente. Muitas vezes não estou pensando e nem premeditando nada e, no entanto, sempre surge alguma coisa boa. São os dois extremos, uma balança que me equilibra bastante, é uma briga de forças, são os extremos se debatendo, se gladiando constantemente, é o bem e o mal, o frio e o calor, o sorriso e a lágrima, o claro e o escuro, o forte e o fraco, o coração e a razão, o riso e a dor... Sei que na hora ruim, vai virar o jogo, e vai virar o jogo novamente, e vai virar de novo. É sempre assim... Consciente disso, hoje vivo mais serenamente.



Legenda: Lançamento do livro "Simplesmente, viver!" em 1986, no Café Piu Piu em São Paulo, Bexiga – Eliana Chaves ao lado de João Carlos Pecci, Paulinho Nogueira e sua esposa Elza

Repórter – Com quem você sente ter mais semelhanças hoje, seu pai emocional ou sua mãe racional?

Eliana – Com ambos. Sou uma mistura muito forte deles dois, de emoção e razão. Quando estou voando alto, quando estou dando asas muito longas ao meu coração, a razão se incumbe de me trazer de volta para a Terra, então paro para pensar e faço uso da razão. Passeio em ambos os lados com desenvoltura. Consigo perceber claramente essa transição em mim...

Repórter – Ser mais emoção e menos razão?

Eliana – Eu costumo dizer que se você é mais coração, você é bem mais feliz. Ser racional demais é um peso. A racionalidade é muito crua.

Quando sigo o coração, dificilmente me arrependo. Eu não choro pela morte do meu filho, choro às vezes de saudade dele. Aceitei serenamente essa “passagem” dele e não carrego comigo arrependimento algum, a minha sensação é a de missão totalmente cumprida. Sabe, eu me entreguei de corpo e alma ao Bruno, a tudo que era nosso, a tudo dele. Tudo foi com ele, para ele, por ele, por causa dele. É por isso que prefiro deixar o meu coração seguir o seu próprio caminho, mesmo não sabendo ao certo até onde ele está querendo me levar...

Repórter – Seguir o caminho do coração...

Eliana — Eu tenho certezas dentro de mim, não sei se são sinais divinos, mas são certezas. Algumas coisas eu não saberia explicar como acontecem, mas consigo antecipar e entender o final sem tê-lo vivido. É um pressentimento forte. Sei que vou chegar onde desejo chegar, numa espécie de avanço ao futuro, mesmo sendo ele apenas uma possibilidade e de não tê-lo vivido ainda. Seria por instinto? Não sei! O fato é que seguir o coração é ter uma certeza antecipada.



“Deus te deu a vida e eu, através d’Ele, pude te dar a luz. No seu encaço, filho querido, veio trevas e temporais. Hoje, depois de alguns anos, compreendi que a bonança chega somente depois das tempestades e que mesmo no meio das trevas há de sempre existir uma luz. Ainda que essa luz seja apenas a que vejo em seus olhos, sinto-me imensamente

feliz por sua existência!” (Dedicatória feita por Eliana para seu filho Bruno, no livro. Na foto Bruno aos 2 anos em 1978).

Repórter – O anúncio da doença de Bruno...

Eliana – Esse foi o pior momento da minha vida, o dia mais devastador. Aquele dia se tornou inesquecível, foi um marco em minha vida, o divisor de águas, a Eliana de antes e a de depois. O médico que me deu a notícia sobre a terrível doença de Bruno foi extremamente cruel. A maneira fria como falou comigo, quando eu era ainda uma mãe completamente inexperiente, de apenas 25 anos de idade, causou muita dor. Fui criada muito presa, não conhecia quase nada do mundo existente fora da minha casa. Saí do domínio de meus pais para o do meu marido. Era absolutamente infantil, inocente, despreparada, uma típica menina mineira do interior.

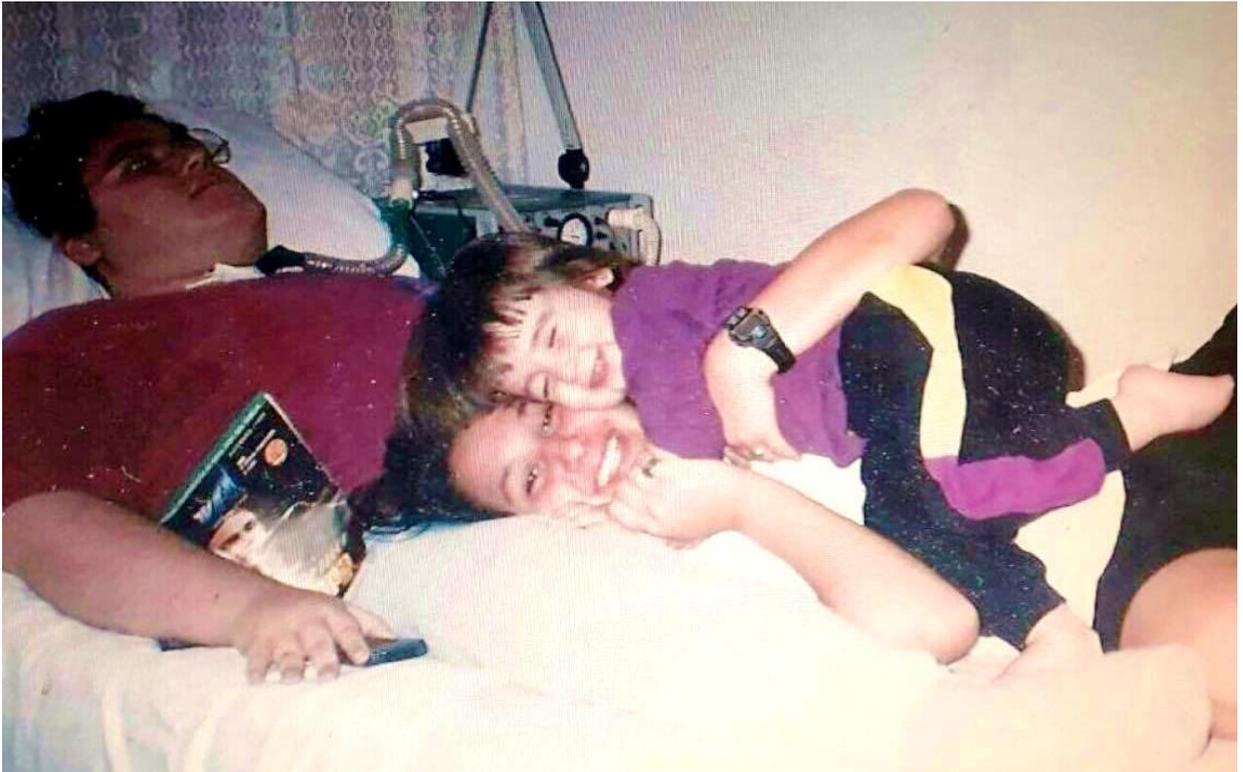
Quando recebi a trágica notícia, o médico foi mais cruel ainda ao me advertir para não contar nada ao meu marido, porque os maridos normalmente se revoltam com as esposas e as deixam... Falou absolutamente tudo o que aconteceria com meu filho e sobre o futuro nebuloso e devastador que teríamos pela frente. E eu completamente aturdida...

Não conseguia entender quase nada daquilo que, sem cerimônia, estava sendo dito a mim. Fiquei sem ar, no ar, literalmente perdida. Somente minutos mais tarde comecei a chorar e chorei, convulsivamente. Não sei por quanto tempo chorei, talvez tenha chorado

por umas três ou quatro horas seguidas e desta forma é que comecei a entender todo o processo, toda a perspectiva de sobrevivida para o nosso futuro... Naquele momento decidi que ergueria a cabeça e que enfrentaria tudo, custasse o que custasse...

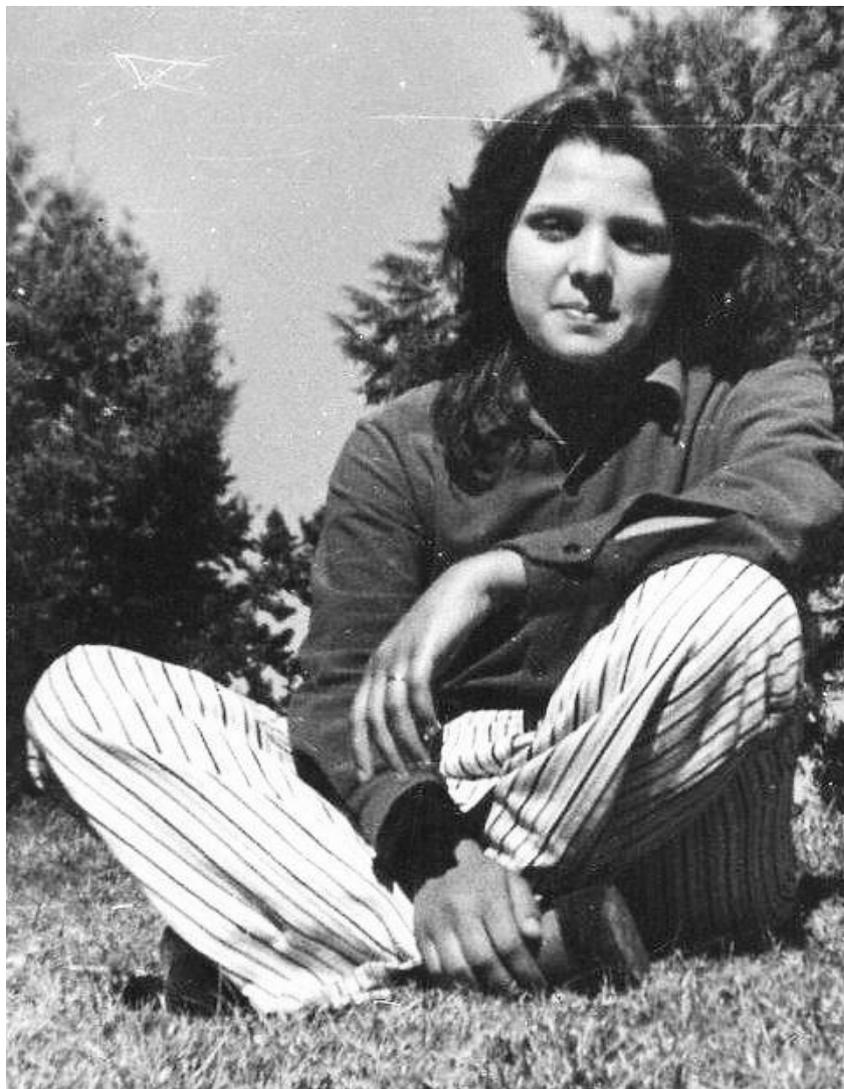
Repórter – Foi quando você decidiu que...

Eliana – Foi quando decidi que nunca mais meu filho me veria chorar. Era preciso manter a calma e não me desesperar. Era preciso entender a dimensão do problema que me rondava e não ficar chorando, me lamentando e nem procurando culpados. Não queria julgar, não queria blasfemar contra Deus e nem dividir os pedaços da cruz que eu carregava, porque ela era minha. O problema era meu e não poderia ser de mais ninguém... Entendi naquele momento que minha vida mudaria radicalmente, que viraria gente grande, que eu seria uma nova mulher...



“Descobri naquele momento que a beleza não existe nas coisas, mas, sim, dentro da gente. E quando a beleza morre, as coisas se tornam opacas, apagadas e incrivelmente comuns...”

O RECOMEÇO...



Legenda: Eliana em 1973 aos 18 anos de idade em Campos do Jordão, SP.

"Sinto que é preciso reconquistar a vida... Não é o momento de parar agora; no entanto, ainda sofro. Mas não devo mostrar esse meu sofrimento, porque sei que há, muito longe ainda, a claridade de uma aurora. Compreendam que o meu invencível dever é o de viver ainda por muito tempo. Mas, no fundo, tudo o que estou fazendo, e até o meu sorriso, é somente para a felicidade do meu filho. Às vezes, me dói sorrir assim, mas a felicidade e a esperança dele dependem da minha."

Repórter – Qual foi o seu momento de passagem?

Eliana – A partir dali, me transformei em uma nova mulher. Era ainda uma mulher desconhecida para mim, mas sabia que era a mulher que eu precisava ser. Era preciso ser uma mãe forte para um filho muito especial! Quando recebi o diagnóstico médico, Bruno tinha acabado de completar cinco anos e minha filha Nathalia tinha acabado de nascer, ela estava com apenas quatro meses. Nessa fase Bruno já trazia consigo as marcas de muitas perdas musculares e das forçadas adaptações em nossa vida diária. Não havia ninguém que me apontasse o caminho. Era preciso improvisar e descobrir sozinha cada detalhe que facilitasse mais o nosso viver.

Precisei inventar essa nova mulher. Optei por uma Eliana destemida e corajosa porque simplesmente nunca admirei pessoas fracas, choronas, que se fazem de vítimas... Essa opção não existia para mim. Conhecia algumas pessoas desse tipo e não as admirava. Pelo contrário. Por isso não queria agir dessa mesma forma. Foi então que resolvida abracei essa causa. Corri atrás dos livros, fui estudar para poder entender melhor o que era e do que se tratava a distrofia de Duchenne, qual era dimensão do problema que eu deveria enfrentar. Parei de chorar e busquei caminhos. Vivia um dia por vez, apenas um, e sempre dando o melhor de mim, o meu melhor sorriso.

Assim fui vivendo e percebendo que um novo mundo se abria para mim, um mundo de pessoas muito boas. Recebi muita ajuda de parentes, de amigos e até de gente que eu ainda não conhecia.

E como eu era muito jovem as pessoas ficavam curiosas quando me viam na rua carregando no colo aquele menino grandinho, que não conseguia andar, ao mesmo tempo em que empurrava um carrinho de bebê. Eu tirava de letra tudo isso e fui aprendendo a fortalecer e alongar meus braços, a conviver com a discriminação e com os inúmeros curiosos.

Eu me compadecia também dos meus pais, que sofriam por mim e que se preocupavam tanto. Eu não levava para eles meus problemas, muito menos minhas tristezas, levava somente alegria...

Repórter – Onde você se apoiava?

Eliana – Talvez nesse personagem da mulher forte que criei para mim. Eu acreditei tanto que poderia ser melhor dessa forma, que realmente foi. Falo de um personagem, porque eu não era essa pessoa antes, nada foi exigido de mim até aquele momento. Quando a vida exigiu que eu crescesse, que eu fosse mais forte, mais objetiva e que deixasse para trás aquela menina que existia em mim, eu enxerguei o mundo de uma forma diferente. Fui aceitando a doença do meu filho e vendo que aquilo não era o fim do mundo, é aí que está a transformação para mim... Fui entender que um problema físico não é o fim do mundo, você não sonha com um filho assim, mas de repente hoje, eu falo com a maior convicção que se eu pudesse voltar no tempo e escolher o que viver, eu queria ser escolhida para ser a mãe de Bruno, exatamente do mesmo jeito fomos, com as mesmas alegrias e limitações, pois foi através dele que fui tão feliz. No início forcei para ser corajosa e destemida, mas depois eu me tornei naturalmente assim. Sem perceber, eu conheci a felicidade na nossa limitação de cada dia.

Repórter – Me conte mais sobre a sua relação com Bruno, Nathalia e Leticia...



"O coração de mãe há de se multiplicar sempre, há de se desdobrar em milhões de pedaços para compreender a profundidade do coração dos seus filhos..."

Eliana – Meus pais eram incansáveis na orientação dos filhos. Eles nos falavam com amor e muita convicção sobre todas as coisas, sempre nos incentivavam e eu os admirava muito por isso. Tentei ser assim com meus filhos também. Eu os encorajo e lhes digo sempre: Vai lá, você consegue! Não desista, vá em frente! É claro que vai dar certo! Qual o pior que pode acontecer? Faça isso, faça aquilo, não tema, você é, você consegue, você pode... e eles sempre vão e, no final, dá certo mesmo!

O querer muito forte pode proporcionar essa vitória pra gente. Quando você quer muito uma coisa, você conseguirá sim! Você despense uma energia tão poderosa que só pode dar certo, não tem como dar errado.

Quando alguém olhava para Bruno e fazia comentários disfarçados ou perguntas que denotavam apenas algum tipo de curiosidade, ele já olhava para mim e dava um sorrisinho maroto... Ele era sempre preparado para os curiosos, para as perguntas tolas... E como tem gente insensível neste mundo, daquele tipo que magoa facilmente as pessoas. Mas meu filho era preparado diariamente, tanto que ele nunca fez terapia. As minhas filhas nunca fizeram terapia.



Meus filhos compreenderam muito cedo que nosso corpo nada mais é que um invólucro, uma casca frágil e finita. Os três compreenderam que o espírito é muito mais que o corpo, porque acreditamos na eternidade da alma. Quando eles entenderam isso, não se importaram mais com a

maldade alheia, com a cadeira-de-rodas, com a cama hospitalar, com o aparelho para respiração mecânica, com a discriminação que existe com os deficientes físicos...

Minhas duas filhas são pessoas fortes, batalhadoras e guerreiras incansáveis. São meninas de fibra e de muita luta. Elas correm atrás do que querem e são bem sucedidas profissionalmente. Nathalia e Leticia são minhas grandes amigas, são amorosas, religiosas, competentes, minhas companheiras inseparáveis e meu orgulho. Nathalia, a filha mais velha, é puro amor. Ela é o meu braço direito, o meu equilíbrio e a minha coragem. Está casada há oito anos e já me deu duas netas lindas; atualmente está morando com a família em Nova York.

Leticia, a minha filha caçula, ainda mora comigo. Ela é muito doce, minha companheira e uma incomparável psicóloga. É também a minha alegria. Uma verdadeira bênção! Ela está com 23 anos e termina em dezembro a sua graduação em Direito.

Repórter - Essa espiritualidade do Bruno vem de onde?

Eliana – Vêm da religiosidade, dos livros e certamente dos ensinamentos dos pais que de uma forma ou de outra acabam entrando no filho. Ele foi aos poucos compreendendo as suas próprias perdas físicas e foi procurando outras formas para engrandecer e ludibriar suas limitações e a monotonia dos seus dias. Com sua serenidade e aceitação ele conseguiu fazer a vida dele valer a pena e ser mais leve para todos nós.

É uma pena que você não o tenha conhecido. Sem exceção, todas as pessoas que o conheceram, se encantaram com ele. Bruno era

apaixonante, sereno, tranquilo. Ele foi se desenvolvendo, virou um espírita convicto, embora eu seja católica eu o respeitei e o apoiei nessa escolha, pois foi no espiritismo que ele se encontrou e achou respostas para a sua dor, e tranquilamente eu deixei que assim fosse. Ele viveu em paz e foi feliz. As pessoas sempre nos diziam: a gente vem aqui dar uma força ao Bruno e somos nós que saímos daqui fortalecidos... E era assim mesmo, ele nos fortalecia em todos os momentos, em todos os dias. Se por um lado eu era o porto seguro dele, por outro, ele era para mim o “refúgio do guerreiro”, meu exemplo de serenidade, meu companheiro de muitas lutas, meu amigo, meu filho amado e muito querido...

Bruno faleceu com 24 anos e sempre transmitiu muitos ensinamentos para todos nós... Nunca o deixei perceber nenhum sofrimento em mim, que inevitavelmente existiram em alguns momentos. Nós o poupávamos para jamais se sentir um fardo. A cruz que se arrasta é mais pesada que a cruz que se carrega. O Amor faz isso, quando você carrega com amor qualquer coisa fica leve, fica mais fácil.

Repórter – O amor então é a base?

Eliana – Se você fizer com amor verdadeiro e profundo, querendo fazer o outro feliz, o seu coração é poupado e o coração do outro compreenderá... E não existirá problema...

Para você imaginar, tenho fatos incríveis que aconteceram. Vou te contar um deles: Quando meu marido foi transferido para cumprir uma missão nos Estados Unidos, em Washington, DC - a minha condição para ir morar lá foi a de poder levar o meu filho também. Do contrário, eu não iria... Naquela época, Bruno já estava com 22 anos e estava muito mal. Foi uma luta para conseguir levá-lo conosco em total segurança.

Eu só sei dizer que no fim consegui cada coisa que ele poderia precisar durante o voo. Corri atrás dos mínimos detalhes e foi dando tudo muito certo. Naquele tempo o meu filho já estava confinado em uma cama e já respirava através de aparelhos. Na época, era a empresa Varig que fazia esse trajeto. Eu falava com um, com outro e com outro. Até que a central da empresa mandou um funcionário dela, que era engenheiro mecânico e elétrico, para compreender todas as necessidades de Bruno e adaptar um espaço no avião para uma maca. Esse engenheiro providenciou várias tomadas elétricas, para ligar todos os aparelhos que Bruno necessitava. E, mais do que isso: ele viajou conosco até lá, ficou de prontidão durante todo o voo para solucionar qualquer problema inesperado... E, dois anos depois, esse mesmo engenheiro com a autorização da Varig foi até Washington para nos acompanhar de volta a São Paulo. Graças a essas almas bondosas, Bruno fez uma viagem tranquila e chegou aqui são e salvo.

Eu encontrei muita gente boa ao longo da minha vida, só tenho que agradecer a Deus por isso. Bruno era tão apaixonante, tão agradecido, ele foi feliz e viveu intensamente até o último momento...

Repórter – Me fala sobre a continuação “do Simplesmente, Viver!”.

Eliana – A continuação do “Simplesmente, Viver!” já está quase pronta. Foi escrito aos poucos, sem pressa. O primeiro livro termina quando Bruno estava com apenas nove anos de idade, mas foi a partir dessa fase que a progressão da doença se manifestou sem dó nem piedade. Foi aí que ele realmente foi ficando bem debilitado. Ele usava cadeira-de-rodas e vivia em consultórios médicos, clínicas de fisioterapia e hospitais. Foram muitas internações. Contrariando os prognósticos, que desde o primeiro momento lhe davam pouco tempo de vida, ele faleceu com 24 anos, em 2000. Escrever me ajudou muito a enfrentar tudo isso.

A ELIANA HOJE...



Atualmente Eliana está estudando Filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie e desfruta da vida de mãe de Nathalia e Letícia, de avó de Sofia e Bruna e de esposa de Luiz Antonio **(foto)**.

Sua história de vida inspira muita gente. Eliana tem um brilho próprio, um sorriso que cativa e um sotaque mineiro carregado de simplicidade.



Por detrás dessa alma de menina, nasceu uma mulher que arrancou os mais belos sorrisos em nome do Amor. Sua vida é assim, encarar a face do hoje porque ***“há coisas que não se explicam. Talvez um dia quem sabe? Não devemos nos desesperar. Devemos, simplesmente, VIVER!!!”***.